

A NOSSA ACÇÃO E A POLÍTICA

Claramente que o operariado não pode desinteressar-se inteiramente da marcha da política. Simplesmente a sua atitude nunca deve ser de complicitade na engrenagem governativa, mas apenas a uma vigilância inteligente para se preparar para uma defesa consciente e decidida contra os dirigentes, quando estes esmagarem os direitos operários e contra as oposições quando estas, em nome de ideias conservadoras, pretendam empurrar os governantes a uma acção despótica sobre as classes trabalhadoras. É essa orientação que vimos marcando em face deste ministério e das cabalas políticas com que os elementos conservadores pretendem empurrar a para a desistência do seu programa de realizações e derrubá-lo para herdarem o poder fazer a sua obra de reacção.

Mas a parte principal da acção operária deve ser directa, contra o patronato e contra o Estado, proclamando as suas reclamações e procurando fazê-las vencer e em face dos próprios governos fazendo a necessária resistência para desbaratar o seu caminho e realizar a sua evolução para uma sociedade melhor. Nada de nos deixarmos embalar por ilusões perigosas e adormecer, deixando de actuar pelos nossos processos, característicos, sindicalistas.

Por melhores que sejam as intenções do sr. José Domingues dos Santos, não podemos ter a ingenuidade de supor que ele poderia realizar tudo quanto promete, mesmo com a intenção de cumprir. É que ele é apenas um indivíduo isolado e a engrenagem política há de acabar por o vencer.

Agora, por exemplo, toda a sua acção vai limitar-se a conseguir a aprovação dos duodécimos. Depois o parlamento fecha e ao reabrir as forças vivas conluem-se, os políticos concertam-se e os defensores dos monopólios farão parede ao actual governo e lá se vai o ministério por água abaixo, para que outros possam levar a água ao seu molinho.

Por enquanto nada se obtém que possa ter produzido um efeito salutar na vida do país, ou sequer nos meios operários. A vida continua caríssima e a defesa contra os exploradores é ainda uma palavra vã. Quanto à crise de trabalho há uns quatro mil contos votados que são apenas uma gota de água que não chega para coisa nenhuma.

Isto quer dizer o Estado não pode nunca ser um elemento de protecção e de libertação para as massas trabalhadoras. A sua emancipação só se obterá quando contra o Estado se tiver feito a grande Revolução.

E tem de ser sempre norteadora por este espírito revolucionário a nossa acção. O ministério José Domingues dos Santos será, pela oposição criada pelos políticos à sua acção dita radical, mais um argumento a favor da doutrina sindicalista. E será esse talvez o melhor serviço que nos prestará.

Toiros de morte? Sim! Liberdade de reunir? Não!

O sr. Filipe Mendes, que tanto gosta dos toiros de morte e doutrinas irracionais brutalidades que são magníficos campos de cultura para os piores instintos criminais, embara decididamente com a liberdade de reunião.

Isto de homens se aglomerarem por centenas ou milhares num recinto para ver outros, com trajes berrantes, torturar e matar toiros, cae-lhe tam bem no sentimento e no espírito que até se não importa de autorizar o que a lei proíbe. Mas se porventura uma centena de homens se reúnem, sem espalhatos, numa sala a escutar uma exposição de ideias, causa-lhe tanta indignação que até proíbe as reuniões que uma lei, bem reacçãoária, consente.

Ontem o núcleo de propaganda dos maritimos partidários da I. S. V. tiveram dissolvida uma reunião. Pudera! Não eram toureiros. Ainda se fosse uma sessão preconizando os touros de morte...

Estará a liberdade de pensamento ainda por muito tempo à mercê dum toureiro por espírito e convicção, que não por su arrojo e valor?

El Mendes tinha autorizado a reunião, pois quando dela os promotores lhe fizeram notificação, com 48 horas de antecedência, nada disse em contrário. Chegou-se ao extremo de se proibir o que se autoriza. O tirano abraça-se ao Arlequim, o ódio reúne-se à duplicidade.

LEDE E PROPAGAI
O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

O inquérito de "A Batalha" sobre crise de trabalho

As respostas do operariado ao inquérito de A Batalha estão afluindo à nossa redacção com uma intensidade que se acentua de dia para dia.

Isto indica quão atentos estão os organismos operários ao assunto dominante—a crise de trabalho—cuja resolução cada vez mais se impõe.

São, em regra, bem fundamentadas essas respostas. E oxalá os poderes públicos, se realmente se encontram na disposição, como prometem, de debelar a tremenda crise que o país neste momento está atravessando, tenham em conta as indicações que, por intermédio de A Batalha, o operariado de todo o país lhes vai dando.

Pelas respostas já publicadas vê-se que os sindicatos não esquecem os interesses gerais das povoações onde têm a sua sede. Esses interesses são colocados acima de tudo.

Só por isso já o inquérito serve para dar uma tremenda lição na classe capitalista que põe acima de tudo os interesses da sua classe, antagónicos aos da população geral.

Mais uma vez repetimos as perguntas do nosso inquérito, pelas quais os organismos operários devem pautar as suas respostas.

—Quais os melhoramentos locais e obras de utilidade pública que possam ser feitos nas várias localidades?

—Qual a forma mais conveniente para a execução desses trabalhos, sob o ponto de vista da economia, da segurança e da rapidez? Devem ser feitos por conta do Estado, do Município, empresa particular, empreitada e comanditas de operários ou pelos próprios sindicatos?

Trabalhadores Rurais do Silborro
SILBORRO, 14. — Em assembleia geral a Associação dos Trabalhadores Rurais de Silborro apreciou o inquérito de A Batalha, cuja utilidade reconheceu e ao qual resolveu responder o seguinte:

Trabalhos por conta do Estado:
1.º—Construir vinte quilómetros de estrada que liga Silborro a Brotas;
2.º—Edificar uma escola primária.

Trabalhos por conta do município:
1.º—Proceder ao calcetamento das ruas da povoação.

Trabalhos agrícolas:
1.º—Permitir aos camponeses que, por intermédio desta associação, cultivem os terrenos incults os.

2.º—Obrigar os proprietários que não cultivam a permitir que os trabalhadores,

também por intermédio da associação, cultivem os terrenos;

3.º—O Estado habilitar a associação com os fundos necessários para cobrir as despesas desse cultivo.

Construção Civil de Sintra e arredores

Em resposta ao inquérito de A Batalha o Sindicato Unico da Construção Civil de Sintra e arredores propõe o seguinte:

1.º—Construção dum lavadouro público, que constitua uma velha aspiração desta vila;

2.º—Construção duma praça no lugar de São Pedro;

3.º—Construção duma praça de peixe.

4.º—Edificação de um ou dois bairros operários, necessidade que se faz sentir.

5.º—Proceder a reparações urgentes nas estradas que se encontram intransitáveis.

6.º—Edificação de três sentinas públicas, uma no centro da vila, outra na Estefania e outra em São Pedro.

7.º—Construção duma praça na freguesia de Caceem.

8.º—Reparação dos edifícios do Estado.

9.º—Acabamento de várias avenidas entre elas Alda e Tavares, avenida Augusto Freire, etc.

Estes trabalhos, que pertencem ao município, podiam ser auxiliados pelo Estado.

Trabalhadores rurais de Benavila

A direcção da Associação dos Trabalhadores Rurais de Benavila resolveu responder o que segue ao inquérito de A Batalha:

Trabalhos por conta do Estado:

1.º Terminar as estradas de macadam que ligam Aviz à Fronteira e Aviz à Ponte do Sôr.

2.º Proceder à construção da linha ferrea que deve ligar Cabeção a Torres das Vargens, que se encontra há muitos anos delineada e marcada.

Trabalhos por conta do município:

1.º Acabar a construção de uma escola cujas paredes já construídas estão sendo danificadas pelas invernia há bastantes anos.

2.º Terminar a estrada, já começada, que liga esta localidade a Aviz.

3.º Reparação das ruas e duma estrada de macadam à saída da localidade.

Trabalhos agrícolas:

1.º Aproveitamento de vários terrenos incultos ou por cultivar há cinco ou seis anos.

2.º Aproveitamento de vales de cultura de milho e feijão que se criavam sem rega.

3.º Aproveitamento de águas para regas de terrenos de primeira classe.

Estes trabalhos agrícolas podiam ser dirigidos pela Associação dos Trabalhadores Rurais.

INCOERENCIAS COMUNISTAS

Do Boletim da A. I. T.:

«Acontece aos comunistas o que acontece sempre a quem pretende manter sobre os interesses gerais do povo, os interesses de uma casta ou de um partido.

«Quando apareceram em Portugal os primeiros comunistas, estes afirmaram-se anti-parlamentares e disseram que apenas tinham em vista a organização dos indivíduos que pela sua situação social não podiam em sindicatos; Mas algum tempo depois, esqueceram a promessa feita e julgaram conveniente chegar até ao parlamento para fiscalizar, dizem eles, os actos da burguesia e combatê-la, mas o que eles fazem é combater os elementos que criticam tal atitude e accusam-nos de pretender criar a confusão nas forças revolucionárias e de ser inimigo da revolução russa que para desenvolver-se e chegar aos seus objectivos, necessita do apoio dos revolucionários dos outros países.

«Foi-lhes respondido que não se era inimigo da revolução russa e por isso se descejava a liberdade dos revolucionários e que a divisão do proletariado não convinha, mas que em compensação para manter a união era indispensável que fosse respeitada a autonomia dos sindicatos. Em respostas os comunistas introduziram a política nos sindicatos, obstruindo os trabalhos que os mesmos realizavam, desorganizando algumas indústrias e gritando em seguida que era necessário manter a união. No seu órgão de imprensa, vomitam constantemente injurias aos militantes do país e do estrangeiro, com uma raiva que só pode ser interpretada como um desejo de destruir toda a organização operária, talvez, para poder depois manobrar facilmente com as massas dispersas.

«Diremos mais que accusam os sindicalistas e anarco-sindicalistas de alimentarem intenções, que afinal eles é que têm... «Os comunistas queriam a unidade e estão desorganizando certamente porque estão de acordo com a máxima jesuítica «desorganizar para reinar».

A questão de Marrocos

PARIS, 17. — O Daily Telegraph diz que a Inglaterra deseja a reunião duma conferência das potências sinatárias do tratado de Algeiras para estudar o problema marroquino. O sr. Briand desmente que tenha sugerido a ideia da reunião duma conferência anglo-italiana para estudar o problema do Mediterrâneo. — (R.)

O pão diminui de preço

mas tem escasseado e piorado de qualidade

O preço do pão desceu ante-ontem, tendo um abatimento de 40 centavos o de 1.º e de 10 centavos o de 2.º.

A Moagem começou logo, desde o primeiro dia, a fazer um atrevido obstruccionismo tão insignificante diminuição de preço decretada. O pão, nestes dois últimos dias, tem escasseado e a sua qualidade piorou sensivelmente.

A Moagem de sociedade com as suas satélites preparou assim a resistência, esperando demover o governo e burlar os consumidores. Se a acção do governo se resumir naquele decreto não há dúvida que a Moagem triunfa. Diminuindo o preço, mas piorando na qualidade, o pão continua sendo um lucro estupendo para a Moagem e um flagelo para os trabalhadores.

A Moagem continua à solta brincando com o fogo... E se hoje como é de prever para a fome a conhece, o pão faltará, ela atira para a fogueira mais uma acha...

O ministro da agricultura mandou chamar ao seu gabinete os directores da Moagem exprimindo-lhes o seu desgosto pelas patifarias cometidas. A gente está daqui a ver os directores regressando à Moagem todos de profundos remorsos e tocados do mais profundo arrependimento.

A reacção no Brasil

A fúria das perseguições aos elementos avançados

Sob o pretexto da revolta militar de S. Paulo, o governo do Brasil julgou que era chegada a hora de se desfazer de todos os sindicalistas revolucionários e anarquistas. Têm-se efectuado centenas de prisões, entre outras a do dr. Fábio Luz, velho militante anarquista, a de José Dificia, a de Domingos Panso, secretário da Federação Operária do Rio de Janeiro, e muitos outros.

Eis os nomes de alguns camaradas deportados: Marques da Costa (português), Antonio Vaz (português), Vicente Llorca (uruguaio), Manuel A. Pereira (português), Salmão Bussin (russo), Elio Nascimento, Joaquim Rodrigues (português), Giovanni Manzini (italiano), Fernandes Leite (português). (Boletim da A. I. T.)

A situação dos organismos operários

Tem-se anunciado que o governo vai regularizar a situação jurídica das uniões de sindicatos, das federações operárias e da Confederação Geral do Trabalho.

Pretende-se que isso será uma grande vantagem para o operariado, sobretudo porque permitirá a essas organizações assinar contratos colectivos de trabalho e estes terem valor jurídico.

Já aqui o dissemos: a melhor forma de fazer viver estes organismos é a vitalidade do operariado. Apesar de os governos lhes terem sido sempre mais ou menos hostis, eles têm realizado uma acção constante em defesa do operariado e têm constituído um dos elementos da sua força.

Quanto ao contracto colectivo de trabalho, os mesmos resultados práticos se podem obter se o operariado souber resistir pela acção directa ao patronato. A nota, pois, para nós simpática, consiste apenas na mentalidade que uma tal atitude da parte do governo representa: a de ter desaparecido para certos republicanos a ideia de horror pela organização operária na sua mais ampla expansão e nada mais.

Porém, e para isto chamamos a atenção do operariado, se a lei que vai regularizar a situação jurídica dos organismos operários até aqui apenas tolerados, de alguma forma alterar a constituição destes por forma que eles sejam obrigados a alterar os estatutos com que têm vivido há tanto tempo, então é obrigação moral do operariado resistir a semelhante lei e continuar a manter esses organismos na situação ilegal e irregular em que até aqui têm vivido, e que se não era reconhecida de direito o era de facto. Não estamos para, a tróco do tal reconhecimento jurídico, perdermos regalias já conquistadas.

SAMUEL GOMPERS

Faleceu o "leader" da reacção — a Federação Americana do Trabalho

Com a idade de 74 anos faleceu, no México, Samuel Gompers o velho presidente da reacçãoária Federação Americana do Trabalho.

Tinha-se dirigido recentemente ao México em missão de propaganda, conforme as resoluções tomadas na última conferência daquela Federação, da qual ele era presidente desde 1882.

Esteve sempre em luta contra o I. W. W., contra os socialistas e contra todos os elementos avançados da América do Norte, chegando até a denunciá-los à polícia, segundo se afirma.

Durante a guerra pôs-se ao lado da reacção militarista, que dominava o seu país, e numa conferência realizada em Buffalo, teve a audácia de tomar o compromisso de que enquanto os Estados Unidos estivessem envolvidos no conflito europeu os operários da Federação Americana não fariam greves. Felizmente estes, passando por cima destas declarações, abandonaram muitas vezes o trabalho, para reclamarem salários mais compatíveis com o custo da vida.

Logo que rebentou a revolução russa, e mesmo antes de se ter constituído o governo bolchevista, começou ele a combater encarnadamente aquele grandioso movimento convencido de que o seu triunfo ameaçaria a situação privilegiada dos Gompers de todo o mundo.

Infelizmente assim não sucedeu, mas a sua curteza de vistas não lhe permitiu fazer uma distinção entre a revolução russa e a ditadura bolchevista, e por isso se manteve sempre na sua atitude de inimigo irreconciliável do governo de Moscóvia.

CONFERÊNCIAS

"A reacção inconsciente"

Sob este tema realiza hoje, quinta-feira, na sede do Grémio Civil do Monte, rua da Graça, 102, 1.º, Esq., uma conferência o sr. Martins Santarém. A entrada é pública.

Anarquismo

E hoje que conforme anunciamos, se realiza na sede União dos Sindicatos Operários, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, pelas 21 horas, uma conferência promovida pela Federação Anarquista da Região Central, sob o tema "Anarquismo", e de que é conferente Manuel Joaquim de Sousa.

Lições de cousas pelo sr. Ladislau Batalha

No Centro Socialista de Lisboa realizou uma lição do curso de Cultura Socialista o professor sr. Ladislau Batalha.

Ocupou-se das velocidades, dimensões, peso e composição dos mundos que constituem o nosso sistema planetário. O prelector, depois de explicar a análise espectral, mostrou a relatividade de todas as cousas, apoiando as teorias de Einstein relativas ao éter e à gravitação universal.

Foi imponente a sessão de protesto contra a ditadura espanhola

O proletariado de Lisboa afirma enérgicamente a sua solidariedade para com o operariado espanhol

Com grande concorrência, que enchia por completo o vasto salão da Construção Civil, realizou-se ontem a anunciada sessão de protesto contra a ditadura espanhola, promovida pela U. S. O.

A sessão, que abriu às 21 horas, foi presidida por Gonçalves Vidal, secretariado Eugénio Inácio e Abraão Coimbra.

Estava representada a autoridade pelo tenente José Carlos, da polícia.

Foi dada a palavra a Rozendo José Viana, que protesta indignadamente contra a forma como a autoridade faz sentir a sua força contra o operariado. Foi vibrantemente apoiado por toda a assistência.

Em seguida falou Fernando de Almeida Marques, pela União Anarquista.

Os martírios do proletariado espanhol

Começa por dizer que não protesta, pois já está tão acostumado a não poder exprimir a sua ideia, que só protesta quando vir que para isso haja efeito. Fala em seguida sobre a forma como se está governando em Espanha, dizendo que não se podia viver sob a tirania de Afonso XIII.

Afirma que a monarquia espanhola está morta. Fala sobre Romanones, que foi um dos ministros de Espanha que fazia morrer lentamente o proletariado.

Sobre Blasco Ibañez, que disse que seria república espanhola presidida por ele seria conservadora, diz que os espanhóis não se fiam nessa república pois ela viria continuar os crimes cometidos pela monarquia e pelo Directório.

Os acontecimentos que tiveram lugar em Barcelona provam à evidencia os sacrificios passados pelos camaradas espanhóis. Narra as infâmias praticadas que faziam morrer os camaradas espanhóis retalhando-lhes o corpo com canivetes e apertando capacetes com parafusos, nas cabeças, até fazer estalar o crânio.

O governo espanhol mandando efectuar prisões, castigos culpados e inocentes. Poderíamos neste momento dizer quantas infâmias se tem praticado em Marrocos. Poder-se-iam narrar os feitos heróicos cometidos naquelas fronteiras. Limita-se porém, a demonstrar o mal de que sofre a Espanha, que está sentindo a ferida que o Directório está fazendo sangrar. Isto faz nascer no operariado o desejo de derrubar o capitalismo espanhol. Quando do garroamento de dois trabalhadores em Barcelona houve uma revolta militar. Como resultado foram fusilados dois soldados que eram os cabeças de motim. Diz que a nós, portugueses, compete primeiro auxiliar na revolta aqueles camaradas.

A agitação em Espanha não basta, é preciso que nós continuemos com as sessões de protesto, ininterruptamente, e ir até ao ministro espanhol dizer que os revolucionários portugueses estão prontos a levantar o pendão da revolta pelos camaradas espanhóis.

A revolução espanhola deve ser de carácter social

Virgílio de Sousa, da Federação Anarquista da Região do Centro, declara que não se limita a criticar a constituição da monarquia espanhola, mas todas as iniquidades em que se baseiam as actuais sociedades humanas.

Ataca, com veemência, todas as violências cometidas pela ditadura espanhola. Se uma revolução se produzir em Espanha ela deve ter um carácter social devendo, nessa altura, ser secundada pelo proletariado português.

Os anarquistas na sua perpétua luta pela liberdade, no seu desejo profundo de progresso, estão ao lado dos que anseiam por libertar um povo do domínio das espadas, das estolas e da opressão económica dos capitalistas.

Manuel Perez começa por afirmar que em Espanha já existia a ditadura, anteriormente a Primo de Rivera. Desde a guerra de Cuba que sucessivas ditaduras tem oprimido Espanha.

O exército que foi batido em Cuba, que é batido em Marrocos, vinga-se sempre dessas derrotas, dessas humilhações, sobre o povo espanhol colhido de surpresa e desarmado.

Faz com grande simplicidade uma narração dos crimes praticados por Arlegu-contra prisioneiros que impressiona profundamente o auditório.

Espanha, diz, é um país sem indústria, atrasado, que invade Marrocos, sob o pretexto de civilizá-lo. Os marroquinos se os deixassem livres talvez pudessem pôr-se em estado de civilizar a Espanha. Tudo isto seria muito bonito se não se derramasse o sangue do povo.

Esprai-se em considerações sobre Abdel-Krim, o famoso chefe rifenho. Diz que ele tem mostrado maior tino e mais civilização do que os generais espanhóis.

Ab-del-Krim teve ocasião de dizer à Espanha: «Se quereis, como dizeis, civilizar Marrocos, enviai-nos instrumentos para cultivar a terra e não soldados para arrazar as culturas e violar as mulheres».

A guerra custa o sangue do povo espanhol

Refere-se aos gastos da guerra que custam ao povo espanhol anualmente 900.000 contos. E a guarda civil custa 600.000 contos.

Faz referências aos acontecimentos de Vera e de Pamplona, relatando o caso do tribunal de Pamplona ter absolvido alguns camaradas e da casta militar ter protestado contra a sentença, o que deu lugar aos juizes serem condenados e os seus depois de absolvidos condenados a morte.

Refere-se a políticos sem escrúpulos, como Blasco Ibañez, que não tendo tido durante vinte anos uma palavra de condenação contra os crimes praticados contra os operários, agora se fingem revolucionários para alcançar o poder e dele fazer um instrumento de opressão.

Terminando, diz que a ditadura está caindo por si. Afirma ainda que os políticos temem fazer a revolução em Espanha, porque sabem que os trabalhadores a transformariam numa revolução radicalmente social.

Faz um apelo aos trabalhadores portugueses para ajudar os seus irmãos espanhóis na conquista da liberdade.

O discurso de Manuel Perez foi coroado por vibrantes vivas à liberdade e morras à ditadura.

Em seguida foi lida a moção da U. S. O., que concluiu assim:

«1.º Fazer sentir ao ministro de Espanha em Portugal, o seu protesto contra a tirania espanhola e a barbaridade das penas impostas aos camaradas ultimamente presos em virtude dos acontecimentos de Vera e Barcelona.

2.º Afimar a sua solidariedade moral e material àqueles camaradas, realizando para isso sessões em todos os sindicatos e abridos quetes para minorar a situação precária dos nossos irmãos de Espanha.

3.º Emitir o voto firme e solene de que o povo espanhol possa dentro em breve soerguer-se quebrando os grilhões da tirania que o oprime e estabelecendo um regime de maior equidade e liberdade.

A moção foi aprovada por aclamação.

Alfredo Monteiro, que representa o Socorro Vermelho, usou em seguida da palavra. Diz que esta «instituição essencialmente proletária» não podia deixar de vir juntar aos da assembleia, os seus protestos contra a ditadura espanhola.

Explica os fins do Socorro Vermelho. E termina dizendo que é preciso ajudar esta instituição de solidariedade.

O camarada Rozendo José Viana interrompendo o orador perguntou-lhe se o Socorro Vermelho também auxiliava os anarquistas presos na Rússia.

O orador disse que não estava bem integrado no espírito do Socorro Vermelho.

Houve quem interrompesse de novo o orador para avisá-lo de que o assunto não era próprio daquela assembleia. E o orador deu por terminado o seu discurso.

Falou em seguida Mário Domingues, em nome da Federação das Juventudes Sindicatas, dizendo que protestando contra todas as ditaduras, atingia também a ditadura espanhola.

Refere-se à revolução russa que apoia e à ditadura russa que reprova. Sendo um só o espírito de liberdade ele deve manifestar-se contra todas as opressões tenham elas as cores que tiverem.

Critica a colonização capitalista europeia na África, salientando o fracasso dos processos espanhóis para dominar os mouros.

Termina como principiou protestando contra a ditadura espanhola, como encarnação do espírito de todas as ditaduras.

A sessão foi encerrada no meio do maior entusiasmo, saindo a multidão aos vivas à liberdade e abaixo a ditadura espanhola.

para alcançar o poder e dele fazer um instrumento de opressão.

Terminando, diz que a ditadura está caindo por si. Afirma ainda que os políticos temem fazer a revolução em Espanha, porque sabem que os trabalhadores a transformariam numa revolução radicalmente social.

Faz um apelo aos trabalhadores portugueses para ajudar os seus irmãos espanhóis na conquista da liberdade.

O discurso de Manuel Perez foi coroado por vibrantes vivas à liberdade e morras à ditadura.

Em seguida foi lida a moção da U. S. O., que concluiu assim:

«1.º Fazer sentir ao ministro de Espanha em Portugal, o seu protesto contra a tirania espanhola e a barbaridade das penas impostas aos camaradas ultimamente presos em virtude dos acontecimentos de Vera e Barcelona.

2.º Afimar a sua solidariedade moral e material àqueles camaradas, realizando para isso sessões em todos os sindicatos e abridos quetes para minorar a situação precária dos nossos irmãos de Espanha.

3.º Emitir o voto firme e solene de que o povo espanhol possa dentro em breve soerguer-se quebrando os grilhões da tirania que o oprime e estabelecendo um regime de maior equidade e liberdade.

A moção foi aprovada por aclamação.

Alfredo Monteiro, que representa o Socorro Vermelho, usou em seguida da palavra. Diz que esta «instituição essencialmente proletária» não podia deixar de vir juntar aos da assembleia, os seus protestos contra a ditadura espanhola.

Explica os fins do Socorro Vermelho. E termina dizendo que é preciso ajudar esta instituição de solidariedade.

O camarada Rozendo José Viana interrompendo o orador perguntou-lhe se o Socorro Vermelho também auxiliava os anarquistas presos na Rússia.

O orador disse que não estava bem integrado no espírito do Socorro Vermelho.

Houve quem interrompesse de novo o orador para avisá-lo de que o assunto não era próprio daquela assembleia. E o orador deu por terminado o seu discurso.

Falou em seguida Mário Domingues, em nome da Federação das Juventudes Sindicatas, dizendo que protestando contra todas as ditaduras, atingia também a ditadura espanhola.

Refere-se à revolução russa que apoia e à ditadura russa que reprova. Sendo um só o espírito de liberdade ele deve manifestar-se contra todas as opressões tenham elas as cores que tiverem.

Critica a colonização capitalista europeia na África, salientando o fracasso dos processos espanhóis para dominar os mouros.

Termina como principiou protestando contra a ditadura espanhola, como encarnação do espírito de todas as ditaduras.

A sessão foi encerrada no meio do maior entusiasmo, saindo a multidão aos vivas à liberdade e abaixo a ditadura espanhola.

A Câmara Municipal e as tarifas dos eléctricos

Aquela famosa Comissão Arbitral que decidia todos os conflitos produzidos entre a Câmara Municipal e a Carris

A educação moral na família

A responsabilidade dos pais

A sugestibilidade das crianças ou o poder do exemplo

6—Os efeitos do exemplo dos pais

Muito bem, o que acontece? Acontece o que a grande maioria dos pais e das mães constata quando é demasiado tarde, isto é, quando o mal está feito.

Acontece que as crianças são as vítimas inocentes dos defeitos, das contradições, das inconseqüências, de todos os erros, enfim, dos pais.

Estes pais mostram-se, por causa disso, sinceramente ou hipocritamente admirados. E reagem por meio de ralhões e, muitas vezes, de sopapos, açoitões e castigos. Castigam as vítimas inocentes como se elas fossem culpadas. Castigam-nas, afinal, pela sua adoração filial.

Consciente ou inconscientemente, com efeito, segundo os casos e as idades, as crianças procederam conforme o exemplo dos pais, e constataam, pelas reacções do pai e da mãe, que fizeram mal, e que não se deve proceder como eles.

Quando se deve então imitar o pai e a mãe?

Quando não se deve imitá-los?

Tudo o problema da educação pelo exemplo está nestas duas perguntas angustiosas.

Quando os pais são, para as crianças, modelos a imitar em certos casos e modelos a não imitar noutros casos—é esta a situação vulgar—as crianças vivem na incerteza, na confusão moral, na imoralidade. Na imoralidade estabelecida, organizada pelos próprios pais, seus naturais educadores!

A medida que os dias passam, que a experiência vem, que os castigos se sucedem, as crianças adquirem, a respeito dos pais, três noções, das quais duas são lamentáveis.

Primeira: existe o bem e o mal; segunda: o bem e o mal não são iguais para os pais e para os filhos; e depois, mais tarde, quando a experiência é mais vasta e profunda, uma terceira noção se fixa, mais lamentável ainda do que a segunda, noção enganadora, e prejudicial à consciência infantil: o bem é o bem; o mal é o mal, e iguais por toda a gente! Mas o pai e a mãe não fazem sempre o bem. O pai e a mãe exigem o bem que eles próprios não praticam. O pai e a mãe praticam o mal que nos proíbem e pelo qual nos castigam.

Não é justo. Quem os castiga a eles, quando não praticam o bem ou quando praticam o mal?

A sugestibilidade das crianças, isto é, a sua propensão natural a serem influenciadas sem darem por isso, isto é também a sua tendência natural para a imitação e, sobretudo para a imitação dos pais, inaugura assim a educação moral na família.

E' uma lei natural à qual os pequeninos não podem subtrair-se, e à qual não se pode subtrair-se.

Ela vale tanto, para as crianças, em resultados, como as influências recebidas, os exemplos seguidos.

A empresa Lucília Simões, que não quer nem deve perder a magnífica reputação alcançada por todo o Portugal, mantém esmeradamente em São Carlos "A Madame Flirt", apresentando a artisticamente interpretada, tendo excelentes cenários, além das marcações cheias de movimento que tanta graciosidade imprimem a toda a representação.

Também o Secretariado se avistou com o director da P. S. E. sobre assuntos que à mesma dizem respeito e a que aquela entidade deu as devidas indicações.

Também ainda não foi um delegado deste organismo ao Linhoel falar com os presos por questões sociais porque não tem sido possível, no entanto, estejam tranquilos que não descuramos um momento sobre o assunto que desejam tratar.

Este Secretariado ficou de oficiar nesse sentido para o Conservado Geral esclarecendo o assunto a fim dali ser oficiado aos respectivos empregados do registro civil, dizendo-lhes mais uma vez que a cédula pessoal está suspensa em definitivo para todos os registros a não ser o de nascimento.

Também o Secretariado se avistou com o director da P. S. E. sobre assuntos que à mesma dizem respeito e a que aquela entidade deu as devidas indicações.

Também ainda não foi um delegado deste organismo ao Linhoel falar com os presos por questões sociais porque não tem sido possível, no entanto, estejam tranquilos que não descuramos um momento sobre o assunto que desejam tratar.

Este Secretariado ficou de oficiar nesse sentido para o Conservado Geral esclarecendo o assunto a fim dali ser oficiado aos respectivos empregados do registro civil, dizendo-lhes mais uma vez que a cédula pessoal está suspensa em definitivo para todos os registros a não ser o de nascimento.

Também o Secretariado se avistou com o director da P. S. E. sobre assuntos que à mesma dizem respeito e a que aquela entidade deu as devidas indicações.

Também ainda não foi um delegado deste organismo ao Linhoel falar com os presos por questões sociais porque não tem sido possível, no entanto, estejam tranquilos que não descuramos um momento sobre o assunto que desejam tratar.

Este Secretariado ficou de oficiar nesse sentido para o Conservado Geral esclarecendo o assunto a fim dali ser oficiado aos respectivos empregados do registro civil, dizendo-lhes mais uma vez que a cédula pessoal está suspensa em definitivo para todos os registros a não ser o de nascimento.

Também o Secretariado se avistou com o director da P. S. E. sobre assuntos que à mesma dizem respeito e a que aquela entidade deu as devidas indicações.

Também ainda não foi um delegado deste organismo ao Linhoel falar com os presos por questões sociais porque não tem sido possível, no entanto, estejam tranquilos que não descuramos um momento sobre o assunto que desejam tratar.

Este Secretariado ficou de oficiar nesse sentido para o Conservado Geral esclarecendo o assunto a fim dali ser oficiado aos respectivos empregados do registro civil, dizendo-lhes mais uma vez que a cédula pessoal está suspensa em definitivo para todos os registros a não ser o de nascimento.

Também o Secretariado se avistou com o director da P. S. E. sobre assuntos que à mesma dizem respeito e a que aquela entidade deu as devidas indicações.

Também ainda não foi um delegado deste organismo ao Linhoel falar com os presos por questões sociais porque não tem sido possível, no entanto, estejam tranquilos que não descuramos um momento sobre o assunto que desejam tratar.

Este Secretariado ficou de oficiar nesse sentido para o Conservado Geral esclarecendo o assunto a fim dali ser oficiado aos respectivos empregados do registro civil, dizendo-lhes mais uma vez que a cédula pessoal está suspensa em definitivo para todos os registros a não ser o de nascimento.

Também o Secretariado se avistou com o director da P. S. E. sobre assuntos que à mesma dizem respeito e a que aquela entidade deu as devidas indicações.

Também ainda não foi um delegado deste organismo ao Linhoel falar com os presos por questões sociais porque não tem sido possível, no entanto, estejam tranquilos que não descuramos um momento sobre o assunto que desejam tratar.

Este Secretariado ficou de oficiar nesse sentido para o Conservado Geral esclarecendo o assunto a fim dali ser oficiado aos respectivos empregados do registro civil, dizendo-lhes mais uma vez que a cédula pessoal está suspensa em definitivo para todos os registros a não ser o de nascimento.

Também o Secretariado se avistou com o director da P. S. E. sobre assuntos que à mesma dizem respeito e a que aquela entidade deu as devidas indicações.

Também ainda não foi um delegado deste organismo ao Linhoel falar com os presos por questões sociais porque não tem sido possível, no entanto, estejam tranquilos que não descuramos um momento sobre o assunto que desejam tratar.

Este Secretariado ficou de oficiar nesse sentido para o Conservado Geral esclarecendo o assunto a fim dali ser oficiado aos respectivos empregados do registro civil, dizendo-lhes mais uma vez que a cédula pessoal está suspensa em definitivo para todos os registros a não ser o de nascimento.

Os monopólios dos tabacos e dos fósforos

O governo apresentou ontem ao parlamento uma proposta de lei sobre a sua extinção

De acordo com o seu programa ministerial, o governo apresentou ontem ao parlamento, por intermédio do ministro das Finanças, uma proposta de lei extinguindo os monopólios dos tabacos e dos fósforos. A parte que se refere aos tabacos tem estas disposições fundamentais:

«Desde 1 de Maio de 1926 vigorará no continente o seguinte regime dos tabacos:

1.º—Liberdade de fabrico, pagando as fábricas por cada quilo de tabaco produzido o imposto necessário para o Governo obter deste e do direito aplicável à importação do tabaco estrangeiro manufacturado: uma receita que no primeiro quinquénio seja pelo menos igual à que o Estado obtive pelo regime fiscal dos tabacos no ano industrial de 1913-1914, considerada em ouro ao par, e que aumente sempre 700, pelo menos em cada novo quinquénio, havendo um benefício diferencial de 2000 entre o mesmo imposto e o mesmo direito, os quais serão fixados sucessivamente em aplicação do que fica preceituado.

2.º—Liberdade de importação, pelas fábricas, de tabaco em rama, tela, rôlo ou outra forma não manufacturada, ficando elas sujeitas mediante rateio, as obrigações que para a Companhia dos Tabacos de Portugal estão estipuladas no artigo 6.º n.º 12.º do contrato de 8 de Novembro de 1906, em garantia dos tabacos produzidos no Douro.

3.º—Liberdade de importação de tabacos manufacturados, por qualquer pessoa singular ou colectiva, pagando o direito fixado em harmonia com o n.º 1.º.

Se for necessário ou conveniente proteger a produção agrícola de mais quantidade de tabaco, será isto feito de modo que o Estado tenha uma receita nunca inferior à que teria pelo que dispõe o n.º 1.º e 3.º.

As fábricas serão vendidas ou arrendadas pelo Estado, separadamente, em hasta pública, antes de Janeiro de 1926, podendo se-lo desde já para serem entregues nas condições em que as tem de deixar a Companhia dos Tabacos de Portugal em 1 de Maio do mesmo ano, sendo os preços ou rendas pagos em ouro. O governo fixará as garantias a dar ao pessoal a que se refere o n.º 7 do art. 6.º do contrato com a Companhia dos Tabacos de Portugal, de 8 de Novembro de 1906.

Quanto aos fósforos é nestes termos concebida a proposta de lei:

«Desde 26 de abril de 1925 por diante a importação e o fabrico de acendalhas e palitos ou pavos fósforicos são livres e ficam sujeitos ao seguinte regime no continente e ilhas adjacentes:

1.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

2.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

3.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

4.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

5.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

6.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

7.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

8.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

9.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

10.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

11.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

12.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

13.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

14.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

15.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

16.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

17.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

18.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

19.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

20.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

21.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

22.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

23.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

24.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

25.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

26.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

27.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

28.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

29.º O governo fixará anualmente o direito aplicável à mesma importação e o imposto correspondente ao referido fabrico, de forma que entre aquele e este haja um benefício de 20 000 a favor da produção nacional.

30.º A mesma fixação deverá ser feita de maneira que haja um rendimento fiscal progressivo, não podendo ele ser inferior, no primeiro quinquénio, do dobro da renda fixa anual estipulada na condição 2.º do contrato de 25 de Abril de 1895, ou 501 contos (ouro) por ano, e em cada novo quinquénio a esta renda acrescida de 7 000, pelo menos.

O TEATRINHO "JUVENIA"

A esplêndida iniciativa de Araújo Pereira tende a abrir novos e rasgados horizontes á arte dramática

Destronar a arte do seu plinto de privilégio a determinadas classes sociais e atrair para o seio do povo é a ambição que todos nós devemos alimentar.

Nem tutelas nem exclusivismos. Monopolar a arte, seja qual for a manifestação por que ela se nos apresenta é desvirtuar-lhe o sentido, é criminalmente roubar-lhe o seu objectivo de renovação, de deleite e de educação.

Ainda há muito a fazer para conseguir que chegue a toda a gente a beleza artística. Por isso, quando alguém surge a enfrentar as dificuldades, a desbravar o terreno hostil, a rasgar com novos horizontes de possibilidade a vulgarização da beleza, a disse-

minar a estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

Estas ligeiras considerações são-nos sugeridas pela esplêndida iniciativa, pela actual compreensão que Araújo Pereira, o proficiente mestre da arte de ensinar no teatro, acaba de revelar mais uma vez, pondo de pé para a vida, para os espíritos e para o teatro, essa sala "Juvenia" onde agora começam de dar-se alguns espectáculos cujo interesse é bem patente.

Gota a gota, com uma paciência admirável Araújo Pereira, a um tempo beneditino e espartano, reuniu já um grupo de alunos que em breve firmarão os seus nomes e para quem se abrirá facilmente um futuro propício.

O teatrinho "Juvenia" não tardará em servir de aforamento a talentos dramáticos que desabrocham, a vocações que despontam.

Araújo Pereira com a sua inteligência de homem moderno, com a orientação livre que serve de norma a todas as suas iniciativas, não se limita a pôr diante de nós principiantes para quem voltou a sua ponderada orientação de mestre, abriu a todos eles os olhos para a verdade e para a vida. Mas não a verdade e a vida atribuídas, sem tom nem som, a vida banal de

minação da estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

Estas ligeiras considerações são-nos sugeridas pela esplêndida iniciativa, pela actual compreensão que Araújo Pereira, o proficiente mestre da arte de ensinar no teatro, acaba de revelar mais uma vez, pondo de pé para a vida, para os espíritos e para o teatro, essa sala "Juvenia" onde agora começam de dar-se alguns espectáculos cujo interesse é bem patente.

Gota a gota, com uma paciência admirável Araújo Pereira, a um tempo beneditino e espartano, reuniu já um grupo de alunos que em breve firmarão os seus nomes e para quem se abrirá facilmente um futuro propício.

O teatrinho "Juvenia" não tardará em servir de aforamento a talentos dramáticos que desabrocham, a vocações que despontam.

Araújo Pereira com a sua inteligência de homem moderno, com a orientação livre que serve de norma a todas as suas iniciativas, não se limita a pôr diante de nós principiantes para quem voltou a sua ponderada orientação de mestre, abriu a todos eles os olhos para a verdade e para a vida. Mas não a verdade e a vida atribuídas, sem tom nem som, a vida banal de

minação da estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

Estas ligeiras considerações são-nos sugeridas pela esplêndida iniciativa, pela actual compreensão que Araújo Pereira, o proficiente mestre da arte de ensinar no teatro, acaba de revelar mais uma vez, pondo de pé para a vida, para os espíritos e para o teatro, essa sala "Juvenia" onde agora começam de dar-se alguns espectáculos cujo interesse é bem patente.

Gota a gota, com uma paciência admirável Araújo Pereira, a um tempo beneditino e espartano, reuniu já um grupo de alunos que em breve firmarão os seus nomes e para quem se abrirá facilmente um futuro propício.

O teatrinho "Juvenia" não tardará em servir de aforamento a talentos dramáticos que desabrocham, a vocações que despontam.

Araújo Pereira com a sua inteligência de homem moderno, com a orientação livre que serve de norma a todas as suas iniciativas, não se limita a pôr diante de nós principiantes para quem voltou a sua ponderada orientação de mestre, abriu a todos eles os olhos para a verdade e para a vida. Mas não a verdade e a vida atribuídas, sem tom nem som, a vida banal de

minação da estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

Estas ligeiras considerações são-nos sugeridas pela esplêndida iniciativa, pela actual compreensão que Araújo Pereira, o proficiente mestre da arte de ensinar no teatro, acaba de revelar mais uma vez, pondo de pé para a vida, para os espíritos e para o teatro, essa sala "Juvenia" onde agora começam de dar-se alguns espectáculos cujo interesse é bem patente.

Gota a gota, com uma paciência admirável Araújo Pereira, a um tempo beneditino e espartano, reuniu já um grupo de alunos que em breve firmarão os seus nomes e para quem se abrirá facilmente um futuro propício.

O teatrinho "Juvenia" não tardará em servir de aforamento a talentos dramáticos que desabrocham, a vocações que despontam.

Araújo Pereira com a sua inteligência de homem moderno, com a orientação livre que serve de norma a todas as suas iniciativas, não se limita a pôr diante de nós principiantes para quem voltou a sua ponderada orientação de mestre, abriu a todos eles os olhos para a verdade e para a vida. Mas não a verdade e a vida atribuídas, sem tom nem som, a vida banal de

minação da estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

Estas ligeiras considerações são-nos sugeridas pela esplêndida iniciativa, pela actual compreensão que Araújo Pereira, o proficiente mestre da arte de ensinar no teatro, acaba de revelar mais uma vez, pondo de pé para a vida, para os espíritos e para o teatro, essa sala "Juvenia" onde agora começam de dar-se alguns espectáculos cujo interesse é bem patente.

Gota a gota, com uma paciência admirável Araújo Pereira, a um tempo beneditino e espartano, reuniu já um grupo de alunos que em breve firmarão os seus nomes e para quem se abrirá facilmente um futuro propício.

O teatrinho "Juvenia" não tardará em servir de aforamento a talentos dramáticos que desabrocham, a vocações que despontam.

Araújo Pereira com a sua inteligência de homem moderno, com a orientação livre que serve de norma a todas as suas iniciativas, não se limita a pôr diante de nós principiantes para quem voltou a sua ponderada orientação de mestre, abriu a todos eles os olhos para a verdade e para a vida. Mas não a verdade e a vida atribuídas, sem tom nem som, a vida banal de

minação da estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

Estas ligeiras considerações são-nos sugeridas pela esplêndida iniciativa, pela actual compreensão que Araújo Pereira, o proficiente mestre da arte de ensinar no teatro, acaba de revelar mais uma vez, pondo de pé para a vida, para os espíritos e para o teatro, essa sala "Juvenia" onde agora começam de dar-se alguns espectáculos cujo interesse é bem patente.

Gota a gota, com uma paciência admirável Araújo Pereira, a um tempo beneditino e espartano, reuniu já um grupo de alunos que em breve firmarão os seus nomes e para quem se abrirá facilmente um futuro propício.

O teatrinho "Juvenia" não tardará em servir de aforamento a talentos dramáticos que desabrocham, a vocações que despontam.

Araújo Pereira com a sua inteligência de homem moderno, com a orientação livre que serve de norma a todas as suas iniciativas, não se limita a pôr diante de nós principiantes para quem voltou a sua ponderada orientação de mestre, abriu a todos eles os olhos para a verdade e para a vida. Mas não a verdade e a vida atribuídas, sem tom nem som, a vida banal de

minação da estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

Estas ligeiras considerações são-nos sugeridas pela esplêndida iniciativa, pela actual compreensão que Araújo Pereira, o proficiente mestre da arte de ensinar no teatro, acaba de revelar mais uma vez, pondo de pé para a vida, para os espíritos e para o teatro, essa sala "Juvenia" onde agora começam de dar-se alguns espectáculos cujo interesse é bem patente.

Gota a gota, com uma paciência admirável Araújo Pereira, a um tempo beneditino e espartano, reuniu já um grupo de alunos que em breve firmarão os seus nomes e para quem se abrirá facilmente um futuro propício.

O teatrinho "Juvenia" não tardará em servir de aforamento a talentos dramáticos que desabrocham, a vocações que despontam.

Araújo Pereira com a sua inteligência de homem moderno, com a orientação livre que serve de norma a todas as suas iniciativas, não se limita a pôr diante de nós principiantes para quem voltou a sua ponderada orientação de mestre, abriu a todos eles os olhos para a verdade e para a vida. Mas não a verdade e a vida atribuídas, sem tom nem som, a vida banal de

minação da estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

Estas ligeiras considerações são-nos sugeridas pela esplêndida iniciativa, pela actual compreensão que Araújo Pereira, o proficiente mestre da arte de ensinar no teatro, acaba de revelar mais uma vez, pondo de pé para a vida, para os espíritos e para o teatro, essa sala "Juvenia" onde agora começam de dar-se alguns espectáculos cujo interesse é bem patente.

Gota a gota, com uma paciência admirável Araújo Pereira, a um tempo beneditino e espartano, reuniu já um grupo de alunos que em breve firmarão os seus nomes e para quem se abrirá facilmente um futuro propício.

O teatrinho "Juvenia" não tardará em servir de aforamento a talentos dramáticos que desabrocham, a vocações que despontam.

Araújo Pereira com a sua inteligência de homem moderno, com a orientação livre que serve de norma a todas as suas iniciativas, não se limita a pôr diante de nós principiantes para quem voltou a sua ponderada orientação de mestre, abriu a todos eles os olhos para a verdade e para a vida. Mas não a verdade e a vida atribuídas, sem tom nem som, a vida banal de

minação da estética é caso para enaltecermos esse trabalho paciente, ousado, libertador e abnegadamente útil.

todos os dias, não; o que Araújo Pereira pretende é e vai conseguindo é formar caracteres, conduzir tendências, descer para os olhos dos que começam a caminhar na arte dramática a verdadeira, a verdadeira, a justa directriz da arte, da cena liberta de esteirões convencionais, desagregada de costumes banais, sem outro fim, sem se desviar um passo, daquilo que não seja a pureza da arte e a sua expressão exacta, bela e educativa.

Na escola "Juvenia" não há ficções, não se usa de habilidades, não se serve a arte com mercantilismo; Araújo Pereira conduz os seus discípulos pela estrada limpa do Belo sem fronteiras, da Verdade sem peias.

Todos nós, os que estamos dentro dos princípios modernos, sentimos bem a magnitude da sua obra, o objectivo dela e os resultados práticos e úteis que dela certamente não de advir.

Por isso, todos nós, para quem o passado de Araújo Pereira é já uma garantia de monta, devemos auxiliá-lo, tenazmente, com insistência, com vontade, com amor e, sobretudo, com desinteresse, para que a sua bela obra se não perca, para que, de contrário, ela siga numa bela ascensão de triunfo.

Hoje realiza o seu segundo espectáculo desse curioso teatrinho, único no seu género em Lisboa.

A BATALHA

A Revolução é uma obra de todos os momentos; tanto é de hoje como de amanhã. É uma acção continua, uma batalha sem tregua nem descanso, contra todas as forças de opressão e exploração.



MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

A Federação da Construção Civil protestando contra as manobras da C. G. T. Unitária

De «Le Travailleur du Bâtiment» órgão da Federação da Construção Civil, transcrevemos a seguinte local:

«O crime scissionista está consumado. Por manobras indignas de trabalhadores, a minoria da Construção Civil, auxiliada pelo Conselho da C. G. T. U. tenta um assalto supremo contra a nossa Federação para a dividir.

Alguns ex-camaradas, que nada de contum têm conosco, que se excluíram por si mesmos, e que se chamam Teulade, Claverie, Vésine, Dessay e outros, acabam de emprender uma *tournee* de reuniões nos nossos sindicatos com o único fim de fazerem com que estes sindicatos tomem posições contra a velha Federação, e organizem um congresso por cima da organização federal.

Receberam ordens para dividir as organizações, fazer-lhes aceitar o programa do partido comunista, e ao mesmo tempo obterem a votação dum ordem do dia «disfarçada» a favor da C. G. T. U.

Pomos em guarda os nossos sindicatos contra as manobras destes políticos, dizendo-lhes para não se deixarem apanhar no laço, que consiste em preparar a scisão e a organização duma terceira Federação da Construção Civil. Os nossos sindicatos não organizarão reuniões para estes delegados sem mandato.

Estes ex-camaradas, que já não são federados, não tendo podido romper a nossa Federação pela política, esperam agora assassinar a pela delação. Não o conseguirão, não a dividirão!

Os nossos sindicatos querem a unidade industrial e a autonomia federal do sindicalismo fora de todas as tutelas políticas. Os nossos sindicatos não seguirão estes divisionistas. Agrupar-se-ão cada vez mais à volta da sua velha Federação, que não tem traído a sua missão.

Seguirão dia a dia as nossas decisões do Comité Nacional para a boa marcha federal. Todos a pé, rapazes da construção civil! Contra todos os scissionistas, e para que viva a Federação da Construção Civil Revolucionária.

É provável que haja quem diga, que com os mesmos direitos com a Federação da Construção Civil se separou da C. G. T. Unitária, se podem os adeptos das táticas desta última organização se afastarem daquela e constituir uma nova Federação. Todavia, é necessário ter em conta que os móveis, que levaram a velha Federação a tomar tal deliberação, foram os de libertar das tutelas políticas o movimento operário, e portanto o seu procedimento foi orientado no sentido da unidade sindical, ao passo que os segundos, pretendendo subordinar-se ao partido comunista, fazem obra divisionista, visto que obrigam a afastar-se do seu meio quem não esteja de acordo com a política desse partido.

A fusão da Internacional de Moscú e da Internacional de Amsterdão vai realizar-se com a scisão nesta última

Segundo as declarações feitas ultimamente por Immen, secretário da Federação Internacional dos Transportes, e Purcell, presidente da Internacional de Amsterdão, parece que dentro em breve se vai realizar a fusão das Internacionais de Moscú e de Amsterdão, as quais até à data tanto se tinham degradado.

Contudo essa fusão dar-se-á com a consequência duma scisão dentro da Internacional Anarela, segundo a opinião exposta por Semard num artigo publicado na *Humanité* de 4 de Dezembro de 1924.

Assim a este respeito escreve ele: «Os partidários da Unidade da Internacional de Amsterdão formam agora uma maioria bastante forte para obrigar os adversários a inclinarem-se.

Todavia, eles devem desconfiar das intrigas e das manobras que vão ser urdidas contra eles pelos sindicalistas democratas Jouhaux, da C. G. T., Leipart, secretário da Central Alemã, Mertens, secretário da Central Belga, etc. Conhecemos bem estas manobras e estes «manobristas» porque temos sido vítimas delas, e sabemos que todos os meios lhes servem.

Estes sindicalistas «puros», que estão agarrados aos partidos sociais democratas da Segunda Internacional, que sustentam nos seus países os governos da mesma tendência, começaram a sua campanha contra a unidade na França, Bélgica, Alemanha; vai agora procurar os seus homens na Inglaterra.

Não hesitarão em quebrar a unidade das «Trades Unions», e mesmo a escorregá-las em bloco de Amsterdão para salvar a «sua Internacional», sem a qual o Conselho Internacional do Trabalho de Génova e da Segunda Internacional Socialista não poderiam viver».

Como se vê, pois, a consequência dessa tal unidade proveniente da fusão das duas Internacionais será a scisão dentro duma delas; e se apesar disso os defensores da I. S. V. não desistem dos seus propósitos de fusão, porque não de desistir do seu trabalho de organização do proletariado fora das tutelas políticas dos sindicalistas autonomistas franceses, embora também essa atitude tenha como consequência a scisão dentro dum organismo, como a C. G. T. U., subordinado a um partido político?

Associação de Classe dos Contramestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

Aviaram-se todos os sócios, em atraso, que devem pôr-se em dia até ao fim do corrente ano.

Os que não apresentarem a caderneta sindical até 31 do corrente, considerar-se-ão eliminados.

A Comissão Administrativa.

Crise de trabalho e baixa de salários

Uma comunicação do Sindicato dos Alfaiates de Lisboa

O Sindicato dos Alfaiates de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Estava marcada para ante-ontem uma assembleia deste Sindicato, convocada pela direcção para se ocupar da momentosa crise de trabalho e baixa de salários, correspondendo assim às resoluções tomadas na reunião de direcções dos sindicatos, efectuada na U. S. O.

A-pesar da referida assembleia ser para todos os operários alfaiates a mesma não pôde efectuar-se, em virtude do reduzido número de assistentes.

O pouco interesse revelado por esta atitude é lamentável e a persistir levará a direcção a desobrigar-se do assunto, como já o manifestou em *A Batalha*».

Uma sessão de protesto na construção civil de Sintra

SINTRA, 17.—Promovida pelo Sindicato da Construção Civil de Sintra e com a assistência de delegados da Confederação Geral do Trabalho e Federação da Construção Civil, realiza-se amanhã, na Sociedade Verde Estefania, uma grandiosa sessão de protesto contra a actual crise de trabalho e redução de salários.

Foi distribuído um vibrante manifesto, convite, sendo de esperar larga concorrência, dado o estado de espírito da população operária.

A situação do operariado de Lagos em face da crise

LAGOS, 16.—A falta de trabalho nesta localidade aumenta dia a dia, e o patronato aproveitando essa circunstância vai reduzindo os salários aos seus operários.

Dum modo geral a crise vai causando as suas vítimas, e desde a construção civil aos marítimos nenhuma classe gosa uma situação desafogada.

Os rurais, embora não seja numerosa a classe, também já foram atingidos pela baixa de salários.

Ultimamente o general sr. Correia, que tem ao seu serviço alguns trabalhadores nas propriedades que possui, reduziu dois escudos nos salários daqueles simples produtores.

Gostariamos de saber, se a baixa cambial também já determinou a baixa nos seus honorários, como militar...

Todavia os referidos rurais ficaram agora com um salário de 8\$00, o bastante para morrerem de fome.

Os outros patrões à guisa de seleção, estão despedindo grande numero de operários, ameaçando paralisarem totalmente os seus trabalhos, a pretexto da baixa cambial.

Acceptariamos como inevitável este fenómeno, não pretendendo sequer imiscuir-nos na sua apreciação.

Dessejariamos, entretanto, constatar que a classe operária se houvesse à altura duma emergência, tão delicada como a presente.

Porém, alguns operários desprovidos de consciência não têm correspondido à solidariedade que é mister manter neste embate do capitalismo ambicioso.—C.

LAGOS, 16.—A crise de trabalho vai-se manifestando duma forma assustadora. A Câmara Municipal cumpria realizar muitas obras que seriam de grande utilidade para o município e que de alguma forma minorariam a crise.

Urge também que a junta autónoma, pondo de parte a politiquice que lhe tem travado a marcha, trabalhe persistentemente no sentido de conseguir sem demora a abertura das obras do porto de Lagos.

Com a apreçoada baixa só os operários têm sido prejudicados, pois que enquanto se verificam reduções nos salários, os géneros de primeira necessidade continuam pelos mesmos preços e alguns encarecem.—C.

Foi proibida a manifestação contra a fome, promovida pela U. S. O. do Porto

PORTO, 16.—A União dos Sindicatos Operários tinha deliberado efectuar ontem uma manifestação pública do operariado desempregado, a fim de se dirigir ao chefe do distrito e perante ele reclamar trabalho.

Para essa manifestação distribuiu profusamente o seguinte e vibrante manifesto: «Trabalhador! Faminato! Vítima da ganância do industrialismo ladravaz! Sou a hora de despertar! É tempo de te decidires a manifestar publicamente o teu direito à vida! Tens-te unido aos teus irmãos de sofrimento, para organizares cozinhas! Tens-te juntado aos condenados da fome para angariar meios para viveres, não avaliando o papel humilhante e vexatório que representas, esmolando aos teus verdugos o direito à Vida.

Esta situação deve e tem que terminar. Junta-te aos teus camaradas, à tua companheira e aos teus filhinhos e vem à praça pública patentear a tua ingente miséria e gritar bem alto: Basta! Basta, senhores, de privilégios; queremos pão e trabalho, ou então revoltar-nos-hemos, afirmando revolucionariamente o nosso direito à vida.

Trabalhador explorado! Faminato escarnecido! Vítima da *chômage*, da cupidez, da usura, da ganância atrevida, do luxo e gozo provocante da bacanal burguesa! Revolta-te para seres ouvido pelos homens que do Olimpo nos governam; para chamar à ordem os causadores da nossa turturante amargura. Vóti o apelo da tua consciência. Queremos trabalho!

O chefe do distrito, porém, para comprovar o radicalismo do governo que representa, proibiu a manifestação na hipótese atemorizadora de que os manifestantes saqueassem o mercado, fizessem a revolução e tomassem conta das fábricas e oficinas, pondo-as em laboração.

Em consequência disto, efectou-se, já tarde, uma reunião na sede da União Local, onde foi salientada a necessidade duma forte agitação substanciada no critério deste documento aprovado:

«Considerando que a crise de trabalho dia a dia mais se vem acentuando, causando assim o alargamento da miséria e fome dos trabalhadores;

Considerando que este estado de coisas

se deve à inércia dos mesmos trabalhadores,—os quais, longe de afirmarem a sua revolta, antes se lançam a pedir esmola aos causadores da sua dor e do seu sofrimento para que possam viver; os operários sem trabalho, reunidos na U. S. O. para apreciar a sua situação e o resultado das demarches feitas junto do chefe de distrito, por uma comissão dimanada da organização operária, resolvem:

1.º Manter no seio dos operários sem trabalho uma constante agitação, na cidade do Porto e arredores, no sentido da burguesia resolver, no mais curto espaço de tempo, este estado de coisas;

2.º No caso da burguesia não providenciar, resolvendo imediatamente a crise de trabalho, o proletariado aja como as circunstâncias o requererem;

3.º Que todos os sem trabalho acorram aos chamamentos dos seus sindicatos, comparecendo em massa em todas as manifestações que os mesmos venham a promover;

4.º Que os mesmos cumpram fielmente as determinações da organização central.

O chefe do distrito fez várias promessas à referida comissão, dizendo-lhe que ia enviar ao governo uma exposição sucinta da situação do operariado. Como estivessem presos vários *chômeurs* em virtude de andarem a pedir, a mesma autoridade comprometeu-se, em face do pedido da comissão da U. S. O., a pôr em liberdade os detidos.

A U. S. O. continuará, contudo, na sua acção pró-solução da crise.

A acção do sindicato da Construção Civil de Lisboa

A comissão de negociações do sindicato da Construção Civil de Lisboa, volta hoje a entrevistar o presidente do ministério e ministro do comércio, acerca da reabertura das obras do Estado, a fim de serem admitidos ainda esta semana os operários da construção civil, desempregados.

A referida comissão dará contas das suas «demarches» à reunião magna do operariado da indústria, que às 21 horas se realiza na sede do sindicato.

Um convite aos pedreiros

O sindicato da Construção Civil de Lisboa convida os pedreiros sem trabalho e inscritos, a comparecerem hoje, pelas 11 horas, para assunto que se relaciona com a sua colocação.

O comício de Parede reclama a reabertura das obras do Estado

PARADE, 16.—Promovido pelas três associações do concelho de Cascais realizou-se no passado domingo um comício público para tratar da crise de trabalho e baixa do salário.

A assistência, embora não muito numerosa, foi todavia a suficiente para demonstrar a indignação que lava entre o operariado do concelho de Cascais.

Fizeram uso da palavra Alfredo Pinto, pela C. G. T., José Casquilho e Alberto Dias, pela F. da Construção Civil, Quirino Fernandes e Aveilino Teodoro.

Todos os oradores em palavras repassadas de indignação combateram a nefasta acção do capitalismo e o pouco cuidado que o assunto tem merecido dos governos.

Abordaram o problema da reabertura das obras do Estado, as reclamações da organização operária e o inquérito de *A Batalha*, que deve merecer a atenção de todo o proletariado.

Resolveu-se reclamar do governo medidas energias para atenuar a crise, como a abertura das obras públicas, e forçar os capitalistas a prosseguirem com as suas obras, que criminalmente paralisaram.

Foi igualmente aprovado um protesto contra a condenação de Manuel Ramos e resolvido enviar ao presidente do ministério o seguinte telegrama:

«Povo concelho Cascais, reunido em comício, protesta contra a condenação de Manuel Ramos e reclama libertação dos presos sociais.»

Na Guarda

Uma associação composta de operários e patrões é um absurdo

GUARDA, 16.—Quando em 31 de Outubro p. p. estiveram nesta cidade dois delegados da C. G. T. a fim de organizar o sindicato da construção civil o presidente da Associação 1.ª de Maio, Amadeu Sequeira, disse numa assembleia que estava pronta a auxiliar o sindicato da construção civil em tudo que fosse necessário, e que a sede daquela associação seria cedida sempre que fosse precisa. Entretanto foi convocada uma assembleia para o dia 14 que teve de ser adiada para o dia 21. Neste dia, porém, realizou-se uma assembleia da Associação 1.ª de Maio, em que nos parece irá ser apresentada uma lista de patrões, empregados públicos e músicos, pois que essa Associação comporta tudo, operários e patrões.

Aporá da sua promessa o presidente de essa associação sr. Amadeu Sequeira, que é patrão, já afirmou particularmente a um operário que a sala não seria cedida para a assembleia da construção civil.

O que é necessário é que em associações operárias não se consinta a influência de políticos, comerciantes ou outros quaisquer elementos estranhos, porque só os operários compete tratar dos seus próprios interesses.—C.

SOLIDARIEDADE

Para Casimiro Firmão, que se encontra doente foram tiradas as seguintes quantias: 10\$00, por Julião de Almeida na marcenaria Francisco Campos; 24\$95, por Julião de Almeida, Artur Lopes e Máximo Ribeiro.

Para uma biblioteca

A direcção da Associação dos Trabalhadores Rurais de Beja solicita de todos os camaradas e amigos da instrução a quem foram enviadas circulares pedindo livros para a formação da sua biblioteca, a fineza de responderem à mesma, até ao fim do corrente mês.

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão nos rurais de Alter do Chão com representação da C. G. T. e F. Rural

ALTER DO CHÃO, 14.—Mais uma sessão de propaganda confederal vem de realizar-se na sede do Sindicato Rural, que esteve regularmente concorrida.

A sessão foi presidida por Agostinho N. Ferreira, secretariado Antório Banheira e Francisco Romão.

O delegado do S. Rural de Cabeço de Vide foi o primeiro camarada a usar da palavra, tendo agradecido as provas de solidariedade prestadas aos camaradas que representa.

Manuel dos Santos Sardinha, do S. da Construção Civil, fez uma breve exposição da acção do Conselho Jurídico e do valor da C. G. T.

Referindo-se ao julgamento de Fronteira, dos 14 rurais de Cabeço de Vide tem palavras de elogio para a acção jurídica da Central dos Sindicatos, a ela se devendo a sentença absolutória.

Joaquim Candieira, representante da Federação Rural, fez um apelo a todos os assistentes para se unirem em defesa dos seus interesses económicos e morais.

Combate o cooperativismo que tem feito desaparecer muitas associações, e a Associação de Alter do Chão tem bem a lição dos factos, porque já teve uma cooperativa e ela foi a causa do seu desmantelamento.

Miguelina Sardinha, professora da escola do Sindicato da Construção Civil de Ponte de Sôr saudou o povo trabalhador. Diz que em Cabeço de Vide tomou parte no comício que ali se realizou, e não queria por princípio algum deixar de dizer aos trabalhadores que se organizem porque organizados estão aptos a defender os seus interesses.

Espera que os trabalhadores que a escutam aproveitem o esforço que os delegados fazem ao vir trazer-lhes conhecimentos para a sua emancipação, devendo continuar-se a realizar sessões desta natureza.

Está devesa satisfeita por saber que aqui funciona uma escola para instruir os trabalhadores.

Jerónimo de Sousa, delegado da C. G. T., diz que está aqui para contribuir para que os trabalhadores se organizem, constituindo todas as suas células. Descreve a acção do indivíduo para com o sindicato, do sindicato para com a Federação, da Federação para a Confederação e desta para a Internacional. Refere-se aos esforços da organização para conseguir manter as conquistas adquiridas, merecendo das lutas travadas com o Estado e o capital.

Ocupa-se do julgamento dos trabalhadores de Cabeço de Vide, da solidariedade prestada juridicamente pela C. G. T. e da acção do advogado de um dos trabalhadores que não era sindicalizado. Demonstra a necessidade de todos os trabalhadores se organizarem quer sejam do campo quer das oficinas, quer da imprensa, que são igualmente trabalhadores e que em conjunto com os trabalhadores manuais contribuem para uma sociedade melhor.

Aprecia a crise de trabalho, a necessidade do sindicato estudar a forma de a debelar e cujo estudo deve ser feito pelo respectivo conselho técnico se o tiver organizado. Aproveita o momento para explicar o valor destas células dos sindicatos.

Júlio Madeira faz uso da palavra para reforçar as considerações do delegado da C. G. T. e dar um viva à organização operária, a *Batalha* e Associação Internacional.

No final da sessão inscreveram-se muitos socios, reinando grande entusiasmo em todos os assistentes.

O SINDICALISMO EM MARCHA

E' criado em Lisboa o Sindicato Unico do Pessoal Menor dos Teatros e Cinemas

Os porteiros de casas de espectáculos e cinemas organizaram há tempos a sua associação de classe, que apenas restringia a sua acção a umas meras reclamações às empresas cinematográficas e teatrais.

Com o agravamento da sua situação económica o pessoal dos cinemas e teatros pensou em remodelar os seus estatutos dando maior expansão ao movimento do seu organismo sindical.

E aquele pensamento é materializado, satisfazendo assim uma necessidade dos trabalhadores daquele ramo.

Na passada segunda-feira, na sede sindical, travessa da Agua da Flor, 1.ª, reuniu em assembleia geral a Associação dos Porteiros de Casas de Espectáculos e Cinemas para prosseguir na discussão dos novos estatutos, que modificam a estrutura orgânica.

Todos os artigos foram devidamente discutidos e aprovados, passando o novo organismo a denominar-se Sindicato Unico do Pessoal Menor dos Teatros e Cinemas e podendo nele ingressar todos os empregados menores ao serviço dos teatros e cinemas.

Na mesma assembleia foram aprovadas por aclamação saudações ao nosso jornal e ao relator dos novos estatutos.

JUVENUDE OPERÁRIA

Em Faro organiza-se o Núcleo de Juventude Sindicalista Revolucionário

FARO, 15.—Um grupo de jovens trabalhadores de diferentes indústrias, animados por um ideal de perfeição social levaram a cabo algumas reuniões, com o fim de criar um organismo juvenil que não só os unisse, como, vivendo à margem da organização operária, lhe prodigalisasse o necessário alento.

Dessas reuniões safu o Núcleo da Juventude Sindicalista de Faro, uma aspiração da mocidade operária.

Imediatamente oficiou à Federação Juvenil, esperando as suas inteligentes indicações para iniciar os seus trabalhos.

A INDÚSTRIA

Guarda-livros especializado em escrituração industrial, organizador, sabendo línguas, oferece-se.—Está empregado.—Carta a C. Nobre. largo do Carmo, 15 1.º.

VIDA SINDICAL

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne amanhã, pelas 20 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação de Tanoaria e Anexos.—Reuniu a comissão administrativa que depois de tomar conhecimento e dar despacho ao expediente, resolveu novamente instar com os titulares das pastas das Finanças, Trabalho e Agricultura, sobre a crise de trabalho, vazilhame torna-viagem e exportação vinícola para as ilhas.

Mais resolveu oficiar à Federação Marítima inquirindo das possibilidades duma convenção de trabalho com aquele organismo, no sentido de terminar com a violabilidade de atribuições profissionais entre os Trabalhadores dos Armazéns de Vinhos e Descarregadores de Mar e Terra.

Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas.—Resolveu prevenir todos os soldados do país, a fim de que não aceitem contratos de trabalho para Lisboa sem primeiro se informarem com este aindado. Motivou esta resolução as ameaças que os industriais veem constantemente fazendo de mandar vir soldados da província para imporem com êxito exigências a que o seu pessoal se tem recusado.

União Textil.—A comissão nomeada na assembleia geral do dia 12, entregou ontem aos ministros do Trabalho e Interior a representação contendo as reclamações da classe, prometendo êsses senhores procurar atendê-las. Para se ocupar do assunto deve a classe reunir no próximo domingo.

S. U. da Construção Civil.—*Secção de Belém.*—A comissão administrativa previne os cobradores desta secção que devem comparecer hoje, às 20 horas, munidos da respectiva cotação, para efeitos da nomenclatura para 1925.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação de Tanoaria e Anexos.—Pelas 19 horas, o conselho federal, sendo a ordem dos trabalhos: Continuação da reunião anterior.

Chaufeurs Marítimos.— Assembleia geral, às 21 horas, para eleição dos corpos gerentes e apresentação do relatório da comissão de melhoramentos.

Empregados de Farmácia.—A assembleia geral, pelas 21,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: eleição dos corpos gerentes; reforma dos estatutos; descanso dominical e horário de trabalho.

Sindicato Unico Metalúrgico.—*Secção de Belém.*—Assembleia geral para nomeação dos corpos gerentes para o próximo ano.

S. U. C. Civil.—*Comissão Escolar.*—Pelas 20 horas, para tratar dum assunto urgente.

Enfermeiros.—Assembleia magna, às 21 horas, na rua António Maria Cardoso, 20, para tomar conhecimento dos trabalhos sobre o exercício da profissão e sua regulamentação.

Marítimos de Longo Curso.—*Conselho Inter-Sindical.*—Para tratar da lotação dos navios da marinha mercante, pelas 20 horas, na rua Fernandes Tomaz, 52, 2.º.

Encadernadores e Anexos.—Para apreciar a circular da U. S. O., a direcção às 20,30 horas.

Condutores de Carroças.—A comissão administrativa para assuntos de alta importância e urgência.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Maquinistas fluviais.—A assembleia geral reúne amanhã, pelas 20 horas, para apreciar o relatório do delegado ao congresso marítimo.

Litógrafos e anexos.—Reúne na próxima quarta-feira a comissão pró-bandeira.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Operários Tanoeiros de Almada.—Reúne hoje a assembleia geral deste Sindicato, para nomeação dos corpos gerentes para 1905 e diversos assuntos associativos.

Rurais de Ervedal.—Reuniu a assembleia geral deste Sindicato para eleição dos corpos gerentes, tendo sido eleitos: Comissão administrativa, João António Chambe, António Freixo, António de Brito, Francisco Chambe, Francisco de Brito, Carlos, Paulo Velas Pina, José Pêa Dionísio, Leonel Mateus, António Gaspar e José Delgado, respectivamente, presidente, secretário, tesoureiro, vogais e suplentes.

Assembleia geral, Joaquim dos Santos Pinto e Francisco Mariano Freire.

Reconhecia a conveniência de desenvolver-se a máxima propaganda entre o elemento rural, a assembleia nomeou uma comissão de propaganda, que ficou composta pelos seguintes camaradas:

Francisco Mariano Freire, Joaquim dos Santos Pinto, José Gomes Barradas, Luís Barradas e João António Chambe.

Foi resolvido oficiar ao presidente da república de Cuba, protestando contra a condenação de Arias, Quirós e Rivera.

S. U. da Construção Civil de Sintra.—Reuniu ontem a comissão administrativa para apreciar uma circular da U. S. O. de Guimarães, pedindo auxílio para os perseguidos da última greve naquela localidade. Resolveu que o Sindicato concorra na medida das suas possibilidades a distribuir quetes. O secretário geral, Carlos Araújo apresentou uma moção sobre o inquérito de *A Batalha* sendo resolvido enviar o parecer deste Sindicato.

Canteiros e Cabouqueiros de Montelavar.—Em segunda convocação, reúne no domingo, às 16 horas, para eleger os corpos gerentes para 1925 e ocupar-se da crise de trabalho.

Manipuladores de pão de Coimbra.—Reuniram na passada segunda-feira, na sede, para tratar da seguinte ordem de trabalhos: adesão à C. G. T.; conferência de militantes da indústria, pró 1.º congresso da classe; o preço do pão e a higiene dos estabelecimentos onde o mesmo é vendido.

Sobre êsses assuntos falaram Manuel de Almeida, Custódio da Rosa, João Pereira Leiria, e por último Adolfo de Freitas, delegado do Comité de Propaganda Confederal.

Como os assuntos a tratar eram de importância e a assembleia não tinha aquela comparência de manipuladores de pão que era para desejar, foi resolvido que a classe reúna no próximo domingo pelas 16 horas, com a mesma ordem de trabalhos.

Manifatores de calçado, couros e peles de Coimbra.—Reuniram na segunda-feira, na Casa dos Trabalhadores, para apreciar o andamento do trabalho da comissão reorganizadora do sindicato.

Depois de se verificar que os camaradas Carlos Simões e Alberto Jorge tinham entregue os haveres do sindicato que estavam na sua posse falaram os camaradas José A. Pais, Marcelino Simão, Bento, Alberto Jorge e Isidoro, sobrinho. Seguidamente fizeram também uso da palavra pelo Comité de Propaganda Confederal os camaradas Laurentino Pinto e Adolfo de Freitas.

Foi aprovada a continuação da comissão reorganizadora, assim como cada sindicato pagar, como auxílio 50 centavos por semana até completa organização do sindicato.

A comissão reuniu depois com o Comité de Propaganda Confederal.

Sindicato dos Empregados no Comércio de Coimbra.—A direcção deste sindicato avistou-se com o governador civil sr. Joaquim Domingues a quem foi reclamar o cumprimento, das leis do descanso semanal e horário de trabalho. Dos trabalhos encetados elaborou um relatório que vai apresentar à próxima reunião do Comité de Propaganda Confederal.

Construção Civil de Coimbra.—Deve reunir muito brevemente este sindicato em assembleia geral, para tratar de assuntos de grande importância para a classe e para a organização.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação.—*Comité.*—Reúne hoje, pelas 20 horas, para tratar de assuntos importantes.

Núcleo de Lisboa.—*Secção de Belém.*—A comissão executiva convida os jovens pertencentes a esta secção a comparecer hoje, às 20 horas, para um assunto urgente.

—A's 20,30 horas, reúne a comissão executiva e de propaganda.

Ferroviários do Estado

Pelas 20 horas de ontem foram recebidos pelo ministro do comércio os delegados do Minho e Douro que aqui se encontram tratando, junto daquela entidade, da falta de pagamento e corte das percentagens ao pessoal eventual com mais de três anos de serviço.

O ministro informou o secretário geral do sindicato e o delegado do pessoal interessado, que já havia tido duas conferências com o administrador geral, das quais resultou mandar pagar os salários em dívida, dizendo mais que o assunto dos